

ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO.**

Agente geral, **PAULA NEY.**

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26\$000 e 13\$000.— Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

Com este numero finda o primeiro semestre da publicação do «Album». Julgamos ter observado fielmente o programma que nos impozemos no nosso primeiro numero.

Restando-nos apenas um pequeno numero de colleções completas do primeiro semestre, devido á extraordinaria e lisongeira procura que tem tido o «Album», de hoje em diante só aceitaremos assignaturas do n. 27 em diante, isto é, a começar do segundo semestre.

As colleções que ainda nos restam do n. 1 ao 26 serão, até o fim do anno, vendidas a 30\$000, preço que augmentaremos se até 31 de Dezembro proximo não se venderem todas.

priminto de sua promessa. Ahi têm os leitores porque o retrato do bello poeta das *Ondas* está desacompanhado. Só no proximo numero do *Album* será publicada a magnifica prosa de Bilac.

Dado este cavaco, tratemos da semana...

*

Temos Prefeito novo, um militar, o Sr. coronel Henrique Valladares. Deus queira que este valha metade — metade apenas — do que valia o outro, que não era militar.

Não sei se sua excellencia o Sr. Prefeito tem o bom gosto de ler o *Album*. Espero que o tenha, e tanto espero, que vou contar uma das bellezas da nossa municipalidade afim de que sua excellencia veja com quem se metteu.

O escriptor d'estas linhas recebeu ha dias, em sua casa, um aviso encabeçado por estas palavras: « Intendencia Municipal da Capital Federal », e concebido nos seguintes termos :

« Previne-se que o seu predio numero 49 da rua Chefe de Divisão Salgado passa a ter o numero 49.

« Para inteiro conhecimento dos Srs. proprietarios, ou quem suas vezes fizer, previne-se que, na fórma do contracto que com a Intendencia Municipal celebraram Claudio Fretz & C., são obrigados (Quem?) ao pagamento de 1\$500 no acto da collocação da placa, ou em seu escriptorio á travessa do Ouvidor numero 9, e não o fazendo *fica sujeito* (O grypho é meu) ás penas do art. 7 *in fine* do Reg. de 11 de Fevereiro de 1871.

« O numero será designado pela Intendencia, e não poderá ser alterado, sob pena de 30\$000 de multa, na fórma do citado Regulamento. Nas mesmas penas incorrerão os que não consentirem na collocação da placa ou conservarem a antiga.

« Rio de Janeiro, 11 de Junho de 1893.—O encarregado da rectificação da numeração, *Carlos Cardoso.*»

Paguei ao encarregado da rectificação da numeração os meus ricos 1\$500, e esse illustre funcionario escreveu a lapis nas costas do aviso: «Recebi. *Carlos Cardoso.*»

SUMMARIO

CHRONICA FLUMINENSE	A.
O DESTERRADO	Alexandre Fernandes.
CARTA A UMA BURGUEZA	Odorico Gloria.
A SARAH BERNHARDT	Cosimo.
UMA NOITE EM PETROPOLIS	Arthur Azevedo.
TANTALO	J. de A.
ULTIMA	Themistocles Machado.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
AURORA	Gelso de Menezes.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do actor

XISTO BAHIA

CHRONICA FLUMINENSE

Antes de mais nada, permittam os leitores que lhes dê um ligeiro cavaco em nome da redacção do *Album*. O retrato de Luiz Murat está desacompanhado ; eu digo-lhes porque : Olavo Bilac, que promettêra escrever o « esboço biographico » (poetas por poetas sejam... biographados), foi á ultima hora obrigado, por motivo de molestia, a faltar ao cum-

Chamo a atenção do Sr. Prefeito para a insigne toleima d'esse documento sem grammatica, no qual me previnem que a minha casa deixou de ter o numero 49, para ter o numero... 49.

Saiba o Sr. Prefeito que a placa da minha porta era de ferro fundido, com os algarismos em relevo; *levaram-m'a*, depois de substituil-a por outra de zinco esmaltado, com os algarismos pintados, a qual não cabe no logar occupado pela outra, o que naturalmente desfeia a minha porta.

Veja o Sr. Prefeito que me obrigam a dar quinze tostões, sob pena de pagar uma multa de trezentos, para satisfação de um contracto, celebrado não commigo mas com uma firma (uma boa firma, quero crer) da travessa do Ouvidor.

Leia e releia, Sr. Prefeito, esse extraordinario aviso, que me forneceria tres ou quatro columnas de commentarios, se eu tivesse espaço e quizesse gastar cera com ruim defunto... e veja vossa excellencia com quem está mettido!

*

Sarah Bernhardt foi mais infeliz do que eu: a mim levaram-me 1\$500 e mais uma placa velha: á grande artista roubaram 250,000 francos em joias e dinheiro.

Decididamente Sarah Bernhardt não tem *chance* no Rio de Janeiro. Em 1886 — lembram-se? — succederam-lhe umas tantas coisas desagradaveis, inclusive o incendio das calças de meia com que devia representar *Le passant*, de François Coppée. Agora, mal põe o pé em terra, briga com a senhoria, e alguns dias depois é victima de um roubo tão consideravel! Pobre Sarah!...

*

Sabem? Está salva a patria. Quem o diz não sou eu, é o *Diario de Noticias*:

« Acreditamos que com as boas noticias do Sul e a de importantes operações, que vão dar ao Thezouro um forte *stock* de ouro em Londres, este mercado (o do cambio) melhorará sensivelmente, desaparecendo a carestia de tudo, que tanto contribue para amargar a vida do povo. »

No dia em que o *Diario* escreveu essa panglossada, o cambio estava a 11 1/8; d'ahi a tres dias baixava a 10 7/8... Qual! a vida do povo continuará por muito tempo amargurada, e os 250,000 francos roubados a Sarah Bernhardt tão cedo não deixarão de valer 200 contos.

*

Mas que diabo, meu povo! A tua vida está amargurada? — atira-te ao jogo! Ahi tens outra vez os bichos do Jardim Zoologico, disfarçados com o nome de *Loteria de Sergipe*, o que não quer dizer — note-se bem — loteria do Estado de Sergipe. Sergipe está alli como poderia estar Piahy, Espirito-Santo, ou Pinhal d'Azambuja.

Recommendo-te o macaco, meu povo; esse interessante quadrumano corresponde, estou informado, ao numero 17. Se preferes o burro, compra o numero 3.

*

Raul Pompeia, o illustre romancista do *Atheneu*, deixou o *Diario Official* e vae dirigir a Repartição Geral de Estatistica.

O logar é bom e eu dou sinceros parabens ao nomeado; mas não será um desfavor feito ás letras nacionaes enfronhar o nosso Raul Pompeia n'um serviço tão arduo, tão positivo, tão cheio de algarismos, tão feito para matar a imaginação do primoroso phantasista das *Canções sem metro*?

Em fim...

*

Chicago, a enorme e admirabilissima cidade americana onde actualmente se realisa a *World's Fair*, como lá dizem, é uma bella cidade, não ha duvida, mas é mortifera. O marechal José Simeão, um dos mais illustrados officiaes do exercito brasileiro, um verdadeiro patriota, foi victima do clima de Chicago. Fugio para New-York, mas era tarde: morreu. Inclino-me respeitosamente diante do seu cadaver illustre.

*

Deixo tambem registrado nestas columnas ligeiras o nome de outro morto, João Caldas Vianna, visconde de Pirapetinga, cavalheiro de fina educação, chefe de uma familia muito distincta. Dissipou alegremente o seu patrimonio, e acabou, cheio de philosophia, empregado no Banco de Credito Movei. Ahi mesmo não perdeu o prumo da sua alta correcção fidalga.

A.

O DESTERRADO

A ARTHUR AZEVEDO

Como está longe a terra! lentamente
Vae de todo nas brumas se occultando!
Deixa o vapor um sulco na corrente,
Monstro de ferro, o espaço atravessando!

E desce a noite... o céu calmo, silente...
O mar arqueja, os astros vêm brilhando;
E o desterrado triste, inquieto, sente
Que o coração lhe estala palpitando!

Longe da patria, em vão deseja vel-a;
Mas nessa immensidade adormecida
Nem fluctua, sequer, ligeira vela!

Sente a alma estremecer-lhe dolorida...
E o seu olhar procura em cada estrella
A crença, a paz, o amor, a gloria e a vida!

ALEXANDRE FERNANDES.

Bahia, 30 de Maio de 1893

CARTA A UMA BURGUEZA

— Tu que tens o aspecto matinal e doce das camponesas sevilhanas, com tuas ideias exquisitas de amores ingenuos e bucolicos, na infinita paz dos campos, na profunda adoração dos lares socegados, em companhia de louras criancinhas, de honesta vizinhança e de tremulos avós ;—tu que ficas com os olhos molhados d'agua após a representação commovente e theatral de um dramalhão romantico, cheio de suicidios, de duellos e de fataes desenganos ;—tu que, por essas humidas noites hybernaes, costumás recitar versos tristes ás pallidas convidadas, em torno do piano, num grande silencio profundamente comico, emquanto na sala de jantar te venerando e nedio pae conclue o voltarete e se prepara para ingerir o chá com torradas, na absoluta e invejavel intimidade com os banqueiros e tabelliães ;—tu que és uma gorducha e rica burguezita, possuidora de chalets afestoados de heras e trepadeiras floridas, em cujas minusculas janellas, esfumadas por stores côr de perola, nos vasos de Sèvres se baloçam a rir-se as perfumadas ramas de heliotropo e rosas-chá ;—tu, minha graciosa e meiga mocetona, debes bem saber que, fóra, se ouve o rumor da chuva a pingar timidamente das verdes parras sobre o sólo juncado de gravetos, e que é tal o frio que faz neste meu quarto, que, ás vezes, me parece ter no cerebro um inverno polar ; pois tu, minha bella flor azul da trapoiraba, nostalgica e bonita como a cantiga longinqua de um caipira enamorado, fica sabendo que ás tuas galantes e amorosas cartas, palpitantes de emoção, que diariamente me escreves, que aos teus dizeres e declarações ardentes feitas junto ás roseiras, que aos teus olhares lubricos e ternamente voluptuosos, que, afinal, aos teus beijos saborosamente cheios de brazas, eu prefiro que me dês um bom e quente sobretudo inglez !

ODORICO GLORIA.

A SARAH BERNHARDT

Um jornalista hoje disse,
Divina Sarah, que tens
A « apathia da velhice »...
E eu dei os meus tres vintens
Para ler essa tolice !

Quantos annos tens ? Talvez
Quarenta e nove ou cincoenta...
Pois bem : eu peço-te — vês ? — :
Quando tiveres sessenta,
Volta ao Brasil outra vez.

COSIMO.

21 de Junho de 93.

UMA NOITE EM PETROPOLIS

O Gustavo era litterato e quasi jornalista. Casou-se muito novo, aos vinte e tres annos, e fez-se guarda-livros, porque decididamente a litteratura não lhe dava com que manter a familia.

O casamento havia sido muito contrariado por uma dona Pulcheria, tia da noiva, senhora já bastante edosa, que morava na Cascadura. Depois de casado, o Gustavo guardou um profundo resentimento contra essa velha : não a podia ver nem pintada.

*

Ora, uma bella manhan, seis annos depois do casamento, a mulher de Gustavo foi despertal-o mais cedo que de costume.

— Gustavo !

— Heim ? Que queres tu ? Para que me acordas tão cedo ? Bem sabes que com este calor infernal só posso pegar no somno pela madrugada ! Deixame dormir !

— Ouve ; trata-se de uma coisa grave.

O Gustavo deu um pulo da cama.

— Heim ?

— Tia Pucheria...

— Morreu ?

— Não ; mas está morre não morre. Mandou-me pedir que fosse lá com os pequenos ; quer despedir-se de nós.

— Responde-lhe que morra quantas vezes quizer, e nos deixe em paz !

— Gustavo, lembra-te que ella é irman de meu pae...

— Lembro-me que esse diabo inventou contra mim as maiores calumnias, para impedir o nosso casamento !

— Pois sim, perdoa-lhe... aquillo foi rabugice de velha.

— Vae tu, se quizeres, com os meninos e a Maxima. Eu tenho mais que fazer ; não os acompanho.

Uma hora depois, a sobrinha de dona Pulcheria, em companhia dos quatro pequenos e da Maxima— a ama secca de todos quatro—tomava o trem para a Cascadura.

*

O Gustavo tentou dormir ainda, mas não o conseguiu. Ergueu-se de máo humor, tomou um banho frio, vestio-se, e foi para o escriptorio. Almoçava em casa do patrão.

Ao meio dia recebeu um bilhete de sua mulher, dizendo-lhe que tia Pulcheria tinha expirado ás dez horas da manhan e que ella ficaria lá todo o dia e toda a noite com os meninos e a Maxima, «fazendo quarto» ; só iria para casa no dia seguinte, depois do enterro.

O marido ficou bastante contrariado. Era a primeira vez, depois de seis annos de casado, que ia passar a noite longe da familia.

*

Um dos seus companheiros de escriptorio, homem já maduro e também pae de familia, disse-lhe :

— Eu, no seu caso, Gustavo, tratava de aproveitar esta noite de liberdade...

— Aproveitar como ? Não sou pandego nem tenho recursos para metter-me em cavallarias altas... Já sei que esta noite vae ser peor que a passada, em que não preguei olho... Fazia um calor terrível.

— Pois aproveite a noite dormindo bem.

— Onde ?

— Em Petropolis. Você vae hoje na barca das quatro; chega lá ás seis; janta no Bragança; depois do jantar vae dar um gyro pela cidade; volta ao hotel; pede um quarto; passa uma noite deliciosa, e amanha embarca para cá ás sete horas da manhan.

A ideia sorriu ao Gustavo. Que bom seria passar a noite em Petropolis, gozando a agradável temperatura da serra! Com que prazer elle se estenderia n'uma caminha fresca, para no dia seguinte, ao primeiro raio do sol, despertar alegre como um passaro e leve como uma flor!

De mais a mais, o Gustavo nunca fôra a Petropolis, e Petropolis era um dos seus sonhos. Uns desejam ir á Europa, outros á America do Norte, outros ao Oriente; elle desejava ir a Petropolis, embora para alli passar apenas uma noite.

*

O Gustavo foi á casa, acondicionou a roupa indispensavel n'uma maleta de mão, e ás quatro horas partio para o ex-Corrego Secco, munido de bilhete de ida e volta.

O programma traçado começou por ser fielmente cunprido. No hotel Bragança deram ao Gustavo um bom quarto, e serviram-lhe um bom jantar, que elle não apreciou bastante porque estava a cahir de somno e na sala o thermometro marcava trinta grãos.

Acabado o jantar, o nosso viajante sahio para dar um gyro pela cidade: mas, como entrasse a chuviscar, voltou para o hotel, dizendo aos seus botões :

— Ora adeus! vou deitar-me... Ha de ser um somno só até pela manha !

*

Quiz, porém, a fatalidade que, ao entrar no hotel, o Gustavo encontrasse o Miranda, que fôra, sete annos atraz, um dos seus companheiros de «lutas» litterarias, um bom rapaz que tinha apenas um defeito, mas um grande defeito: bebia. Um pobre diabo, um maluco, d'esses de quem se diz: — Coitado! é mão só para si.

— Olha quem elle é! o Gustavo!...

— Oh, Miranda!

— Que fazes tu em Petropolis?

— Vim dormir; e tu?

— Eu resido aqui,

— Ah! E em que te empregas?

— Em coisa nenhuma. Dissipo os restos do meu patrimonio.

O Gustavo notou que o Miranda tinha a lingua um pouco presa, e, como não ha companhia mais desagradavel que a de um bebedo, tratou de despedir-se.

— Não!... já te não deixo!... protestou o Miranda. Anda d'ahi tomar commigo um copo de cerveja.

— Não... desculpa-me...

— Não admitto desculpas!

— Pois sim, mas ha de ser aqui mesmo no hotel.

— Nada! nada! Cerveja em hotel não tem bom sabor. Vamos a uma *brasserie* que alli ha... atravessemos aquella ponte...

— Isso é uma extravagancia: está chovendo!

— Ora! um chuvisquinho á toa! Vamos!

— Perdão, Miranda, eu vim a Petropolis para dormir e não para tomar cerveja! Não preguei olho toda a noite passada, estou a cahir de somno!

— Oh, desgraçado! pois tu queres dormir ás oito horas da noite? Bem se vê que és um poeta lyrico degenerado, um trovador que se encheu de filhos e se fez guarda-livros! Anda d'ahi!...

E o Gustavo deixou-se levar, quasi de rastros, á cervejaria.

*

Os dous amigos sentaram-se a uma meza, diante de dous copos de cerveja alleman. O Miranda esvaiou immediatamente um d'elles, e pediu reforço.

— Era o que faltava! Dormir ás oito horas da noite! Nada; temos muito que conversar, meu velho: quero expor-te um plano, um grande plano, e saber se o approvas.

— Falla, disse Gustavo contrariadissimo, arrependido, mas resignado.

— Pretendo fundar uma folha diaria aqui, nesta cidade vermelha!

O Miranda esperava que o Gustavo perguntasse: — Vermelha porque? —; o Gustavo calou-se; elle, porém, accrescentou, como se o outro houvesse feito a pergunta:

— Pois não reparaste ainda que tudo aqui em Petropolis é vermelho? As pontes, as grades, as montanhas, as casas, os criados de servir, e até os cabellos dos respectivos indigenas? Olha!

E apontou para o moço que trazia novo reforço de cerveja, um petropolitano ruivo, verdadeiro typo teutonico.

— Em Petropolis ha um jornal, mas imagina, meu velho, que esse jornal se intitula o *Mercantil*! Vê que tolice! um *Mercantil* nesta cidadezinha de *villegiatura*, neste oasis de verão, residencia de diplomatas, capitalistas e mulheres elegantes! O *Mercantil*, ora bolas!



LUIZ MURAT

E o Miranda expoz longamente o plano do seu jornal, com grandes gestos, os olhos muito abertos e injectados, as narinas dilatadas, os bigodes cheios de espuma. Seria uma folha artistica, pariziense, catita, e, sobretudo, escandalosa... não escandalosa como o *Corsario*, mas como o *Gil Blas* ou o *Echo de Paris*... levantando a pontinha, só a pontinha do véo que esconde um mysterio de amor... intrigando a sociedade inteira com uma inicial ou duas linhas de reticencias...

Inflamado, o Miranda indicava os lucros pre-
vaveis da empreza, os capitalistas com quem con-
tava para lançal-a, os redactores e collaboradores
que contractaria, e mais isto, e mais aquillo, e mais
aquillo outro.

O Gustavo, que por diversas vezes tentára er-
guer-se, e era subjugado pelo Miranda, ouvia-o
com as palpebras semi-cerradas pela fadiga, em-
brutecido, sem dizer uma phrase, nem mesmo uma
palavra, porque o futuro redactor do *Petropolis*
—era esse o titulo do projectado jornal—, com a
lingua perra, dando murros na meza, quebrando
copos, expectorava abundantes periodos, sem uma
virgula, sem uma pausa. Só se calava de vez em
quando para beber, ensopando os bigodes em cer-
veja e lambendo-os em seguida.

*

A chuva cahia agora a cantaros.

Na cervejaria só estavam os dous amigos, e o
petropolitano teutonico, este encostado ao balcão,
de braços cruzados, cabeceando. E o Miranda con-
tinuava com mais enthusiasmo a exposição do plano
de sua futura empreza, quando o dono da casa,
um allemão robusto, irrompeu dos fundos do esta-
belecimento :

— Endão que é isdo, meus zenhores? Já bassa
tas tuas horas... não bosso der a minha casa aperda
adé alda noide! .

O Miranda tentou recalcitrar, mas o cervejeiro
não lhe deu ouvidos. O Gustavo pagou a despeza, e
puxou pelo braço o beberrão, que parecia pregado
ao banco em que se sentára. Afinal, conseguiu ar-
rastal-o até a rua. O allemão fechou immediata-
mente a porta.

O Miranda, mal deu dous passos, perdeu o equi-
librio e calio redondamente na lama. O Gustavo
abaixou-se para erguel-o, mas o outro deixou-se es-
tar, não fez o minimo esforço para levantar-se, e
resmungou quasi inintelligivelmente: — Estou muito
bebedo?

Imaginem a situação do guarda-livros : tonto de
somno, de madrugada, á chuva, numa rua deserta,
numa cidade que elle absolutamente não conhecia,
ás escuras, porque Petropolis não tinha illumina-
ção, e vendo a seus pés um amigo embriagado, um
companheiro de «lutas», que elle não podia aban-
donar alli !

Imaginem os trabalhos porque passou o ex-poeta
lyrico para remover a pesada massa de carne e

osso que jazia inerme no chão, e encontrar a casa
em que habitava o Miranda. Felizmente este, mes-
mo bebedo, conseguiu oriental-o. Mas que traba-
lho!...

*

Era perto de quatro horas quando o Gustavo ba-
teu á porta do hotel Bragança. O criado que lh'a
veio abrir, de vella accesa na mão, teve um sorriso
malicioso, e disse:

— Ai! ai! Estes moços felizes que vêm passar
uma noite em Petropolis e se recolhem ao hotel de
madrugada... Ai! ai!

*

O Gustavo ás sete horas da manhan desceu a
serra, aborrecido, doente, com uma enxaqueca ter-
rivel, aniquillado pelo somno e attribuindo todas as
suas desgraças á tia Pulcheria.

Felizmente a velha deixou-lhe uns cobres que até
certo ponto o consolaram d'aquella malfadada noite
em Petropolis.

ARTHUR AZEVEDO.

TANTALO

Ai! que sorte cruel! — seguir sempre e sem tino
Da inconstante fortuna o rapido corcel,
Lutando sempre em vão, joguete do destino,
Dos tristes sem ventura envolto no tropel!

Ai! que sorte cruel! Que negra desventura!
Viver sempre a sonhar, porém sonhar em vão!
Santelmo salvador pedir á noite escura,
E de esperanças ter vasio o coração!...

Sedento e pertinaz correr atraz do goso
E o goso sempre esquivo a se escapar sem dó;
Em vão desejos mil sentir desventuroso;
De desejos morrer... viver no mundo só!...

Só teve sorte igual o rei desventurado,
Sem termo em seu penar qual teve Prometheu,
Tantalo, á fome e á sede eterno condemnado!

Ai! tenho a mesma sina! Ai! Tantalo sou eu!

J. DE A.

O nosso distincto collaborador Emilio de Menezes reunio num
elegante folheto, impresso nas officinas Lombaerts, os bonitos so-
netos de sua lavra, que appareceram no *Album*, subordinados ao
titulo de *Marcha Funebre*. A edição é apenas de duzentos exem-
plares, dos quaes nos foi obsequiosamente offerecido um pelo poeta.

ULTIMA

«Das minhas grandes magoas,
faço pequenas canções.»

Saudade ! amavel companheira dos meus penosos dias de infortunios, tu que outr'ora foste a inseparavel amiga de minha solidão ; tu que sempre estiveste a meu lado, carinhosa e meiga, quando me afastei, singrando mares por longas noites silenciosas, desolado e triste, deixando, talvez para sempre, banhada em lagrimas no carcere sepulchralmente lugubre da separação,—minha Mãe,—a doce velhinha de cabellos nevados e faces rúgosas pelos gelos da tremula velhice,—minha Noiva—a santa creaturinha de olhar meigo e bondosamente ingenuo, que suspira, tristonha e descrente, do outro lado do oceano, ferida magoadamente pelo aspide fatal e venenoso da ausencia, que estiola o coração e asphyxia a alma ; tu que me acariciaste na infancia e na mocidade, por que hoje me abandonas assim ?

Para onde fugiste, oh ! ave forasteira da Saudade ?

A que regiões incognitas alçaste o vôo, alado passaro do Azul, e em que paragens mysticas foste habitar, longe de mim, que em vão te busca meu dorido pensamento ?

Filha da noite, como a noite acolhe no teu immenso e carinhoso seio, todas as minhas afflicções, todas as minhas magoas, todos os meus ais, todos os meus lamentos !

Volve, ave erradia, ao casto ninho abandonado de meu coração ermo de affectos, para que eu possa ter esperanças de voltar á minha Terra !

Que mal te fiz para que fujas, ingrata irman de minh'alma, deixando-me perdido e cansado nesta longa travessia sombriamente lugubre da Vida ?

Fiel mensageira dos meus primeiros amores infantis, que farei sem ti, longe de tudo que venero e adoro ?

Como poderei viver sem os teus carinhos, em terra estranha, forasteiro e disilludido, a vagar como um cego na eterna escuridão da Duvida ?

Que me resta, se me não é dado borrifar o tumulosinho branco do Passado com as tuas lagrimas, que são o sangue da minha propria alma ?

Porque me sorrreste á borda do meu berço, se me havias de abandonar á borda do meu tumulo, quando o scepticismo — a velhice do espirito — me subjuga ameaçadora e tetrica ?

Saudade ! filha da noite, ave immigrada dos sideres azues, volve a meu peito abandonado e frio, para que eu possa inda uma vez afagar essas tres imagens luminosas — minha Mãe, minha Noiva, minha Terra !

THEMISTOCLES MACHADO.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TIPOS DE MULHERES)

(Continuação)

IX

Lucio continuava a evitar a casa do coronel Blanco. Durante esse tempo aproveitou as horas vagas e deu-se á litteratura dramatica, uma das suas mais declaradas sympathias.

Embora homem de sciencia, não se esquecêra do seu tempo de estudante, quando em Pariz se entregava com enthusiasmo á leitura do theatro de Dumas, Augier, Sardou, Meilhac, Labiche, e tantos outros. Em pouco tempo escreveu uma comedia em tres actos, de costumes da sociedade de Montevideo, na qual ditos havia allusivos á situação em que se achava para com a familia Blanco.

Em mais de um dialogo transpareciam, entre phrases habilidosamente escriptas, essas meias tintas da indirecta, capazes de patentear a um publico o typo de qualquer pessoa sobre quem se fixe a attenção de certa roda da sociedade.

Carrero chegára de Buenos-Aires onde o chamaram assumptos de interesse particular.

A primeira visita que fez foi a Lucio.

Era um domingo. O vapor fundeára cedo; por consequencia havia certeza de encontrar o medico em casa.

Carrero bateu á porta do quarto do amigo, depois de instruido pelo criado. Foi com um brado de alegria que Lucio abriu os braços para receber o seu *Epaminondas*, como lhe chamava, todas as vezes que gracejava em roda de rapazes.

Lucio vestia uma *robe de chambre* de Astrakan, presente com que lhe haviam mimoseado alguns collegas no dia em que recebêra o grão de doutor em medecina. Essa dadiwa tinha o seu chiste, porque o filho do Pratz era o maior *friorento* da academia.

Carrero, depois de desaffogado das expansões amistosas, passou, num rapido volver de olhos, exame ao aposento. Chamou-lhe a attenção o desalinho em que estavam jornaes e papeis sobre a meza de trabalho.

Adivinhava-se que o morador d'aquelle covil de estudante, içado num segundo andar, havia passado a mór parte da noite a escrever, e, para melhor denuncia d'esse facto, lá estava, ao lado do tinteiro de crystal, o cinzeiro, sobre o qual descansava, meio deitado, o charuto, com a cinza quasi a quebrar-se.

—Trabalhaste, já vejo, exclamou Carrero designando o morro de papeis.

—E' uma historia interessante que te vou contar, *sub conditione*.

—Vejamos qual.

—Sepultarás na memoria o que te disser em confidencia.

—Homem, para bem confessar é preciso dizer-te que sou o peor guardador de segredos; admitto mesmo aquelle gracejo que diz: o *cumulo* do segredo é não repetir o que se nos confiar, nem mesmo ao que nos aceitou por confidente.

—Nesse caso aceito-te para o meu, porque os que blasonam são sempre relapsos.

—*Gracias!* E que vem a ser?

—Sabes que me dou de vez em quando á litteratura...

—Dramatica!... —concluiu Carrero, sorrindo, como quem queria provar que estava ao par das aptidões do amigo.

—Adivinhaste... Agora quiz tentar uma experiencia, e escrevi uma comedia em tres actos, que terminei ás duas horas da manhan de hoje.

—Bravo! e intitula-se...

—Não te rias, porque o titulo pecca, por extenso.

—O que prova que, sendo o erro do conhecimento do autor, foi commettido propositalmente.

—Muito bem. Ouve.

E, dando alguns passos, Lucio levantou de sobre a pasta um caderno de papel almaço.

E leu compassadamente:

—*Um amor fossil, encontrado por um geologo no centro terciario do coração de uma matrona.*

—Caspite! bradou Carrero, dando meia volta á direita e girando sobre os tacões dos botins. Sabes que esse titulo é quasi um terremoto?

—Terremoto ou não, é um titulo, e como não pretendo dar a conhecer o nome do autor, se a comedia fór representada, o publico e a critica não terão a quem censurar pessoalmente; flecharão quando muito um incognito. Muito bem! até aqui, li, para ouvires, o titulo da minha comedia. Agora, *abandonemo-nos...* Ah! tens charutos! São legitimos *regalias britanicos colorados claros*, droga de cinza clara, um presente de meu pae, homem de bom senso que nunca desejou que os filhos escondessem o vicio innocente de fumar e que abomina os *havanas* de Hamburgo e da Bahia.

O galhofeiro Carrero aproveitou o exemplo e abriu o larynge a uma gargalhada homerica, sem razão de ser, prolongada e gostosamente vibrada.

Puxou de uma cadeira, accendeu um *regalia*. Neste momento rufaram na porta do quarto. Lucio conhecia o signal de convenção e mandou entrar. Era o criado que servira de mentor á visita e vinha com duas chcaras de café, fumegante e aromatico.

—Vem a matar! disse Carrero.

Lucio fez um breve accionado. O servente comprehendeu e desapareceu, cerrando cautelosamente a porta.

Então, com uns ademanos mysteriosos, como se por ventura desenrolasse os pergaminhos dos *Filhos de Judas*, encontrados por Ponson du Terrail para regalo dos amadores dos romances de capa e es-

pada, abriu a primeira pagina da comedia, espalmou largamente a mão e correu ao longo da charneira do caderno almaço para que se sustivessem bem, e de uma vez, as folhas.

—Aqui me tens! vou ler-te este desvario; salva todas as allusões que possas, por ventura, encontrar n'estes dialogos.

—Sou todo ouvidos.

Lucio tossio como o pregador que se desfaz de um pigarro impertinente e teimoso, e principiou a leitura, medida e pausada.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

AURORA

Esconde-se no fundo vacuo infindo,
A pavorosa e horrenda escuridão;
A natureza toda está dormindo
E pulsa-lhe de leve o coração.

Depois, como que tudo vem surgindo
Diamantizando os céos, e n'amplidão
Os horizontes como que sorrindo,
Vêm agitando toda a Creação.

Engasta-se no céu radiante e bella,
A clara Vesper, a primeira estrella
Da quadra matinal e do arrebol,

E, no meio de plumeas cantillenas,
Vestem o espaço. vividas, serenas
Fulgurações esplendidas do sol.

CELSE DE MENEZES.

THEATROS

Depois da representação da *Tosca*, de Sardou, infelizmente deformada com uma desastrada fusão dos dous ultimos quadros, tivemos occasião de applaudir a grande Sarah Bernhardt na *Dama das camelias*, de Dumas filho, na estopante *Cleopatra*, de Sardou e Moreau, e na *Frou-Frou*, de Meilhac e Halévy.

Não fallaremos de Margarida Gautier nem de Gilberta, porque o publico fluminense já sabe o inexcidível primor com que ella interpreta esses personagens; fallaremos da *Tosca* e de *Cleopatra*.

Collegas pouco amáveis trouxeram á baila a idade da eminente artista, como se o meio seculo que ella tem vivido não fosse o attributo maior de sua gloria. No 1º acto da *Tosca* achámol-a, pelo contrario, moça de mais; a *Tosca* é uma pomba que se transforma em leão; seria necessario não se fazer tão infantil, e predispor a plateia para aceitar a transformação. O trabalho de Sarah no 3º acto vale um curso de arte dramatica.

Cleopatra não nos parece uma peça de Sardo, não nos parece mesmo uma peça franceza; é mal feita, não tem interesse. Entretanto, o papel da protagonista, de um exotismo encantador, foi profundamente estudado. E' pena que Sarah o represente quasi todo deitada, e não lhe possa destruir nem mesmo suavisar a monotonia.

O actor Darmond foi um bom Marco Antonio, e a actriz Jeanne Mea uma Octavia muito aceitavel.

*

A companhia portugueza do theatro D. Maria, de Lisboa, continúa brilhantemente a serie de suas representações no S. Pedro. Depois do *Intimo*, comedia em 3 actos, de Eduardo Schwalback, tivemos o *D. Affonso VI*, de João da Camara, drama que o nosso publico já conhecia.

O *Intimo* não é o que se póde chamar uma peça bem feita; achámol-a um pouco desarticulada; mas é bem escripta e está primorosamente dialogada. Nessa comedia reapareceu João Rosa, o eximio artista; os demais papeis estão confiados a Rosa Damasceno, Falco, Lucinda do Carmo, Augusto Rosa, Brasão, Mello, etc.; o desempenho é o melhor que se póde exigir.

Rosa Damasceno, Brasão, João e Augusto Rosa disseram a primor os esplendidos alexandrinos de *D. Affonso VI*.

*

Amelia Vieira, Alvaro, Maria das Dores, Margarida Lopes, Elvira, etc., deram-nos, no Apollo, uma boa representação do *Romance de um moço pobre*, de Feuillet; mas o papel de Bevellan não foi feito para o actor Gil, ou por outra, o actor Gil não foi feito para o papel de Bevellan.

*

A companhia Tomba, de opera, opera-comica e opereta, estreiou-se com muita felicidade exhibindo *Raphael e a Fornarina*, de Maggi, agradou muito com *Gioflé-Gioflá*, de Lecocq, e conseguiu um verdadeiro triumpho com a celebre opera *Christim e a comadre*, dos irmãos Ricci. A soprano ligeiro Tetrzzini, que desempenhou sorprendentemente o papel de Anneta, causou á plateia um entusiasmo indescriptivel, e foi aclamada como cantora, como actriz e como mulher. São bons todos ou quasi todos os artistas da companhia Tomba, em seu genero a melhor que cá tem vindo.

*

Annuncia-se no Sant'Anna a primeira representação da *Conquista dos Talismans*, magica tirada dos *Bibelcts du diable* pelo actor Primo da Costa, e a companhia Garrido, desalojada do Polytheama pela companhia Tomba, reatou no Recreio a serie interrompida das representações da *Viagem á volta do mundo em 80 dias*.

*

Um telegramma publicado no *Paiz* de hontem, 23:

«No trem nocturno chegaram o presidente do Senado e a actriz Bellegrandi, que vem fazer parte da companhia Dias Braga.»

Em que peça se estreiarão os dous artistas?

X. Y. Z.

Recebemos dous excellentes trabalhos: o *Recenseamento do Estado do Rio de Janeiro*, feito em 30 de Agosto de 1892, por ordem do presidente Dr. José Thomaz de Porciuncula, autorisado pela Assembléa Legislativa, e os *Estudos de demographia sanitaria* da capital do mesmo Estado durante trinta e quatro annos, obra igualmente publicada por autorisação legislativa.

E' autor do primeiro d'esses trabalhos o Sr. J. P. Favilla Nunes, cujo elogio não está por fazer em se tratando de estatistica, e do segundo o illustrado Sr. Dr. Antonio Augusto Ferreira da Silva, organisador do Policlínica de Nictheroy, medico de grande reputação.

Recebemos tambem um elegante voluminho, *Cantando e rindo*, versos humoristicos de *Lulú Parola*, publicados com muita acceitação, *au jour le jour*, no *Jornal de Noticias*, da Bahia. No pseudonymo de Lulú Parola occulta-se um jornalista de merito, o Sr. Aloysio de Carvalho, redactor proprietario d'aquella folha.

Fomos obsequiados com os tres primeiros numeros do *Telegrapho*, publicação quinzenal, organ scientifico, noticioso, industrial e litterario, fundado por empregados da Repartição Geral dos Telegraphos, tendo como chefe de redacção o Sr. Raymundo Chaves; recebemos tambem o primeiro numero da *Critica*, organ artistico e litterario de que são redactores os Srs. José Gonzaga e Hermann Fleuiss, e cujo titulo nos parece muito pretencioso, e alguns numeros do *Tymbira*, periodico litterario e recreativo, de que é director o Sr. Rocha Pinto Junior.

A administração do «Album» declara que d'esta data em diante o Sr. Castro Soromenho nada tem de commum com este periodico.

12 de Junho de 1893.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.

LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.

LIVRARIA INTERNACIONAL, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

Imprensa H. Lombaerts & C.